

DESGUALDADES EDUCACIONAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: O ÓBVIO COMO ENTE A SER COMPROVADO

EDUCATIONAL INEQUALITIES IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO: THE OBVIOUS AS AN ENTITY TO BE PROVEN

Rodrigo Coutinho ANDRADE¹

Resumo: O presente estudo resulta de uma pesquisa mais ampla sobre as desigualdades-dualidades estruturais da educação na cidade do Rio de Janeiro, tomando como objeto neste momento a síntese panorâmica das disparidades entre os-as discentes, docentes e a estrutura material das unidades escolares da metrópole “carioca”. Neste sentido, objetivamos, por meio da análise dos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, expor analiticamente um epítome dos fatores que imputam a dualidade estrutural da educação na capital do estado do Rio de Janeiro de acordo com as variáveis disponíveis. Trata-se de uma pesquisa básica, de caráter explicativo, que se ancora na investigação bibliográfico-documental. Como resultado podemos indicar que existem dissimetrias entre os sistemas e as etapas de ensino da Educação Básica, evidenciada tanto ao analisarmos o perfil do colegiado amplo de acordo com o gênero-raça, quanto em relação à estrutura nas redes de ensino federal, estadual, municipal e privada no espaço em questão. Podemos concluir, ao investigarmos os diferentes fatores que dão movimento ao cotidiano escolar, que existe elementos afirmativos da dualidade educacional sentida principalmente por pretos-as-pardos-as, mulheres e discentes de parte da rede pública na *urbe* em questão.

Palavras-chave: Dualidade educacional; Precariedade docente; Políticas educacionais; Racismo Estrutural.

Abstract: This study is the result of a broader research on the structural inequalities and dualities of education in the city of Rio de Janeiro, taking as its object the panoramic synthesis of the disparities between students, teachers and the material structure of the school units of the “carioca” metropolis. In this sense, we aim, through the analysis of data from the National Institute of Studies and Educational Research Anísio Teixeira, to analytically expose an epitome of the factors that impute the structural duality of education in the capital of the state of Rio de Janeiro according to the available variables. This is a basic research, of an explanatory nature, which is anchored in bibliographic-documentary research. As a result, we can indicate that there are dissymmetries between the systems and stages of teaching in Basic Education, evidenced both by analyzing the profile of the broad collegiate according to gender and race, and in relation to the structure of the federal, state, municipal and private education networks in the space in question. We can conclude, when analyzing the different factors that give movement to everyday school life, that there are affirmative elements of the educational duality felt mainly by blacks and browns, women and students from part of the public network in the city in question.

Keywords: Educational duality; Teacher precariousness; Educational policies; Structural racism.

1 Professor do Departamento de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisas sobre Trabalho, Política e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e da Associação dos Geógrafos Brasileiros – seção Niterói. E-mail: rodrigoandrade@ufrjr.br.

Introdução

O presente artigo faz parte de um estudo mais amplo sobre as políticas públicas para a educação em sua totalidade ao longo das últimas décadas, objetivando evidenciar as contradições materiais envoltas na cidade do Rio de Janeiro considerando o trabalho docente, o corpo discente, e a estrutura escolar de acordo com as variáveis gênero, raça, classe e território. Para a presente escrita coube a exposição crítico-analítica dos dados dispostos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), principalmente os resultantes do Censo Escolar (INEP, 2024), considerando em alguns momentos a abordagem temporal inerte, e em outros o processo evolutivo ao longo da última década adotada (2014-2023)². Com isso, objetivamos expor analiticamente as dissimetrias dos-nos diferentes sistemas e etapas de ensino na-da cidade acima discriminada por meio das possibilidades estatísticas da fonte referenciada (INEP, 2024), considerando os sujeitos, a materialidade, e a variáveis destacadas acima.

O problema da presente pesquisa se assenta nas particularidades da desigualdade educacional na metrópole do Rio de Janeiro, indissociável da sua própria formação histórico-geográfica. Hipoteticamente reflexionamos a existência de disparidades entre todo colegiado, inexorável das unidades escolares, principalmente quando compreendido o trabalho docente e os-as discentes, tomando como epicentro a variação entre mulheres-homens e pretos-as-brancos-as, ao lado da estrutura escolar nos sistemas e etapas da Educação Básica coadunados – também – às contradições de gênero-raça-classe. Trata-se de uma pesquisa básica, de caráter explicativo, ancorada no tratamento analítico dos dados estatísticos e de fontes documentais, que em suma “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista” (Silveira; Córdova, 2009, p. 36), e se constitui para além da descrição, do registro e da análise dos fenômenos, buscando a “identificação de suas causas por meio do método qualitativo e pela natureza bibliográfico-documental que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores” (Severino, 2017, p. 122).

A estrutura do artigo se fragmenta, não isolada da totalidade, em três momentos. A identificação analítica do perfil discente, o exame do corpo docente, e a averiguação da estrutura das escolas em distintos fatores que asseveram a qualidade educacional sobre o que pode ser compreendido como básico para o cotidiano escolar – se possuem pátios, salas de leitura, acessibilidade para pessoas com deficiência, etc. Tratando-se de um artigo científico, que por

2 Em consequência da disponibilidade do INEP.

sua natureza escrita porta limitações, desde as laudas até a profundidade de um debate, espera-se alçar para a ordem do dia as vicissitudes materiais que interpõem sobre as unidades escolares, e os sistemas de ensino em si, elementos para além da verificação dos indicadores que logram um sentido hegemônico de-da qualidade. Trata-se, ao meu ver, do pessimismo óbvio da razão.

Os-as estudantes na-da cidade do Rio de Janeiro.

No ano de 2023, 1.276.864 estudantes estavam regularmente matriculados-as na Educação Básica na cidade do Rio de Janeiro, sendo 48,2% na rede pública municipal, 35,9% nas escolas privadas, 14,4% no sistema público estadual de ensino, e apenas 1,6% em unidades escolares federais – de modo geral, 818.289 na rede pública e 458.557 no âmbito privado. Entre os gêneros, o quantitativo masculino foi maior que o feminino em aproximadamente 9 mil discentes – 642.897 do sexo masculino e 633.949 do sexo feminino –, considerando que no total do universo de matriculados 67.420 se encontravam na Educação Profissional, 58.378 na Educação de Jovens e Adultos (EJA), 35.889 na Educação Especial – sendo 31.302 em classes comuns –, 719 em escolas indígenas, e 819 em unidades escolares quilombolas – ressaltamos que 228 estudantes frequentaram escolas localizadas no espaço rural (INEP, 2024). Neste universo de estudantes, 367.818 brancos-as e 491.583 pretos-as-pardos-as³ distribuídos nos sistemas de ensino de acordo com a tabela abaixo.

Tabela 1 - Distribuição e percentual das matrículas dos-as discentes da Educação Básica na cidade do Rio de Janeiro de acordo com os sistemas de ensino e a distinção racial⁴ - 2023.

Rede de Ensino	Brancos	%	Pretos-pardos	%
<i>Rede Estadual</i>	24.710	2,1	66.143	5,7
<i>Rede Municipal</i>	164.317	14	290.678	24,8
<i>Rede Federal</i>	8.440	0,7	5.738	0,5
<i>Rede Privada</i>	156.335	13,4	87.444	7,5

Fonte: INEP (2024).

Realizando a correlação direta, a primeira obviedade que salta para o presente exame se remete à maior proporção de pretos-as-pardos-as nos sistemas públicos de ensino estadual e municipal. Porém, ao efetivarmos uma relação extraíndo as demais categorias utilizadas pelo

3 3.152 pessoas foram identificadas como outras, e 405.293 classificadas como não disponível (INEP, 2024). Por esta razão, ao longo do artigo remeterei apenas as duas categorias-classificações étnico-raciais.

4 As disparidades quantitativas se devem à ampliação da designação categórica “outra” e “não disponível” (INEP, 2024).

INEP (INEP, 2024), alcançamos dados mais significativos; sendo possível afirmar, delimitando o escopo para as etapas de ensino da Educação Básica⁵, que enquanto 82,22% dos-as pretos-as-pardos-as estão nos espaços públicos de ensino, 57,5% dos brancos-as estão na mesma situação.

Tabela 2 - Percentual das matrículas na Educação Básica de acordo com a autodeclaração racial na cidade do Rio de Janeiro – 2023.

Rede de Ensino	Brancos	Pretos-pardos
<i>Rede Estadual</i>	6,7	13,45
<i>Rede Municipal</i>	44,67	59,13
<i>Rede Federal</i>	2,29	1,16
<i>Rede Privada</i>	42,5	17,78

Fonte: INEP (2024).

Acrescemos a este fato que na melhor rede pública de ensino – a rede federal –, cômulo da sua estrutura e da própria materialidade para o trabalho docente – como veremos a seguir –, o quantitativo de brancos se aproxima ao dobro dos pretos-as-pardos-as, em um período – 2014-2023 – que o percentual de brancos-as reduziu em 2,5% no cômputo proporcional-total das matrículas – de 45,7% para 43,2% –, ao lado da ascensão da totalidade do número de pretos-as-pardos-as em 2,7% – de 53,7% para 56,4%⁶. Outro elemento importante para a análise recai sobre a distribuição das matrículas entre as diferentes modalidades de ensino. Se os brancos-as são majoritários na rede privada e no sistema público federal nas etapas de ensino da Educação Básica, sua presença é inferior na Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 18,36% – em todos os sistemas de ensino em comparação aos pretos-as-pardos-as – 49,65% –, assim como na Educação Profissional – 28,51% e 30,53% respectivamente.

No segundo momento cabe a verificação da taxa de rendimento, do abandono-evasão escolar, e da migração para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos-as discentes nas diferentes redes e etapas de ensino da Educação Básica na cidade do Rio de Janeiro tomando as possíveis variáveis analíticas. De modo geral, os dados da cidade carioca refletem a discrepância da escala nacional (INEP, 2024) em relação à cor-raça e ao sexo – com ressalvas quantitativas. As discentes possuem melhor aproveitamento e menor índice de abandono no Ensino Médio, ficando a disparidade observada quando consideramos a cor-raça. Comparativamente, entre os brancos-as e pretos-as-pardos-as ocorre brutal dissimetria no Ensino Médio em todos os elementos expostos com prejuízo para os último-as, sendo o mais

5 Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Finais e Anos Iniciais – e o Ensino Médio.

6 Um fato curioso é cabível para destaque. Entre 2016 e 2022 houve a ascensão dos-as discentes que não declaram sua raça-etnia. Se no primeiro ano foram 25,3%, no último 32,3% (INEP, 2024).

gritante quando tratamos do abandono escolar – no qual pretos-as-pardos-as superam, e muito-acima-do-dobro, o quantitativo de estudantes que saíram do ambiente escolar em 2023 –, e da aprovação – 11,5%; sendo notória a evolução deste dado de modo mais significativo no primeiro ano do Ensino Médio, o que aponta para particularidades da transição entre as etapas de ensino da Educação Básica e o ingresso na fase jovem.

Tabela 3 - Taxa de rendimento e do abandono escolar dos-as discentes da cidade do Rio de Janeiro da Educação Básica de acordo com as variáveis sexo e cor/raça – 2023.

	Etapas de Ensino	Feminino	Masculino	Branca	Parda-preta
<i>Aprovação</i>	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	98,8	98,3	98,8	98,1
	Anos Finais do Ensino Fundamental	97,2	96,5	97,4	96,3
	Ensino Médio	84,3	78	87,8	76,3
<i>Reprovação</i>	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	1,1	1,5	1,1	1,7
	Anos Finais do Ensino Fundamental	2,3	3,1	2,3	3,2
	Ensino Médio	16	11	9,3	16,6
<i>Abandono</i>	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	0,1	0,1	0,1	0,2
	Anos Finais do Ensino Fundamental	0,4	0,4	0,3	0,5
	Ensino Médio	4,7	6,1	3	7,1

Fonte: INEP (2024).

O desequilíbrio ocorre, tomando o Ensino Médio como exemplo novamente, em todos os sistemas de ensino, no qual os pretos-as-pardos-as são majoritários na reprovação e no abandono escolar, na mesma equivalência comparativa anterior quando considerado o sexo. No caso da rede estadual em 2023, por exemplo, 8,4% dos estudantes pretos-as-pardos-as abandonaram as escolas, 2,1% acima dos-as estudantes brancos-as, sendo no sistema privado o triplo proporcional – 0,2% de brancos-as e 0,6% de pretos-as-pardos-as (INEP, 2024). Diferença existente, porém não idêntica, ao analisarmos o rendimento escolar mensurado pelo

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) entre os sistemas públicos de ensino na cidade do Rio de Janeiro, que cabe também discrepância entre a rede federal e as demais tanto nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com um ponto de diferença sobre as redes estadual e municipal – demarcado em 7,0 no ano de 2023, para o sistema federal –, quanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental – ficando 0,8 à frente da rede estadual e 1,3 da rede municipal, com o total de 6,5 (INEP, 2024). Ou seja, tomando o IDEB como referencial qualitativo dos sistemas públicos de ensino, a rede melhor estruturada, e com melhores *handicaps*, tem majoritariamente estudantes brancos.

Os dados sobre a evasão escolar, referentes a ano de 2020 – último ano disponível –, também confirmam a conclusão exposta acima. A incidência desta, e da migração para a EJA, incidem com maior preponderância sobre o sexo masculino e sobre os-as pretos-as-pardos-as. O mesmo se identifica ao analisarmos as etapas de ensino da Educação Básica, com números mais significativos para o Ensino Médio no tocante à evasão escolar e a migração para a EJA, cabendo “destaque” para o sétimo ano do Ensino Fundamental e o primeiro ano do Ensino Médio – ambos em 1,6% (INEP, 2024). Entre as redes de ensino, tomando o ano de 2020 como referência, 12% dos-as estudantes do Ensino Médio do sistema público estadual evadiram no ano em questão, enquanto tal dado alcançou apenas 1,5% dos-as discentes da rede federal, e 2,5% da rede privada (INEP, 2024).

Tabela 4 - Taxa de evasão escolar e migração para a EJA dos-as discentes da-na cidade do Rio de Janeiro – 2020.

	Etapas de Ensino	Feminino	Masculino	Branca	Parda-preta
<i>Evasão escolar</i>	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	1,7	1,8	1,6	1,5
	Anos finais do Ensino Fundamental	2,8	3,5	2,8	3,7
	Ensino Médio	8,2	12	7,3	12,8
<i>Migração para a EJA</i>	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	0	0,1	0	0,1
	Anos finais do Ensino Fundamental	0,6	0,8	0,5	1,0
	Ensino Médio	1,1	1,3	1	1,5

Fonte: INEP (2024).

Por fim, a taxa de distorção idade-série dos-as estudantes da-na cidade do Rio de Janeiro apresentou declínio ao longo dos últimos anos quando mensurada. No ano de 2014, 14,4% evadiram no Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 26,6% na etapa de ensino seguinte, e 31,9% no Ensino Médio, sendo verificada em 2023 em 7,7%, 14,2%, e 24,8% respectivamente. Mantém-se a mesma conclusão do exame realizado anteriormente – maior incidência sobre os estudantes do sexo masculino e sobre os pretos-as-pardos-as.

Tabela 5 - Distorção idade-série dos-as estudantes matriculados-as na Educação Básica na-da cidade do Rio de Janeiro considerando as etapas de ensino, as redes de ensino e as variáveis sexo e cor-raça – 2023.

	Etapas de Ensino	Feminino	Masculino	Branca	Parda-preta
<i>Distorção idade-série</i>	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	6,8	8,4	11,6	17,2
	Anos finais do Ensino Fundamental	12,6	17,3	12,7	18,3
	Ensino Médio	21,8	27,7	18,3	29,5
	Sistema de Ensino				
	Rede Federal	16	20	16,3	20,2
	Rede Estadual	12,4	15,9	26,9	31,5
	Rede Privada	6,8	9	7,2	10,5
	Rede Municipal	11	14,2	12,1	14,5

Fonte: INEP (2024).

A docência na-da cidade do Rio de Janeiro.

Em relação à docência, os dados do INEP (2024) apresentam características singulares na cidade do Rio de Janeiro em sincronia com o que demonstra a escala nacional – com cabíveis ressalvas. O primeiro fato se refere ao decréscimo do número de docentes na cidade do Rio de Janeiro ao longo de 2014-2023, mensurado em 2.061 – 62.477 em 2013, e 60.416 no último ano discriminado –, distribuídos da seguinte forma – tomando as etapas e as distintas modalidades de ensino.

Tabela 6 - Quantitativo de docentes de acordo com as etapas e modalidades de ensino na cidade do Rio de Janeiro – 2023.

Etapas e modalidades de ensino	Total
<i>Educação Infantil</i>	16.572
<i>Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>	20.684
<i>Anos Finais do Ensino Fundamental</i>	17.660
<i>Ensino Médio</i>	16.194
<i>Educação Profissional</i>	4.118
<i>Educação de Jovens e Adultos</i>	4.344

Fonte: INEP (2024).

Entre os professores, no marco temporal acima adotado, a retração foi de 343 – 14.403 em 2014 para 14.160 em 2023 –, enquanto o impacto maior foi sobre as docentes em 1.818 – de 48.074 para 46.256. Acerca da segunda característica, tomando o gênero como parâmetro para a relação entre os homens e mulheres nas etapas de ensino da Educação Básica, assim como nas modalidades de ensino, nota-se discrepância proporcional. Enquanto a presença masculina é muito mais significativa proporcionalmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio principalmente, as professoras são predominantes na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – onde residem os piores rendimentos mensais (MTE, 2024)⁷.

Tabela 7 - Quantitativo de professores-as da-na cidade do Rio de Janeiro de acordo com as etapas e modalidades da Educação Básica – 2023.

Etapas de ensino	Homens	Mulheres
<i>Educação Infantil</i>	860	15.712
<i>Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>	2.645	18.039
<i>Anos Finais do Ensino Fundamental</i>	7.163	10.497
<i>Ensino Médio</i>	7.494	8.700
<i>Educação Profissional</i>	2.112	2.006
<i>Educação de Jovens e Adultos</i>	1.909	2.435

Fonte: INEP (2024).

O terceiro momento apreciativo sobre a docência na cidade do Rio do Janeiro é a formação. Ao longo da última década houve acréscimo no quantitativo de docentes com formação em curso superior de licenciatura, mensurado em 2,19% (INEP, 2024). Porém, o dado

7 A média salarial, de acordo com o Relatório Anual de Informações Sociais (MTE, 2024), o rendimento médio mensal dos professores de Geografia, no ano de 2022, eram díspares nas diferentes etapas da Educação Básica. Enquanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental o salário mensal estipulado alcançou R\$ 4.161,12, no Ensino Médio o valor saltou para 5.455,38 reais.

oscila ao longo dos anos e apresenta ritmo diferente da escala nacional. Enquanto no Brasil a tendência de expansão foi linear e ininterrupta no período acima discriminado, na cidade do Rio de Janeiro ocorreu a redução de professores licenciados – do sexo masculino – entre 2014 e 2019, descendendo de 87,05% para 82,89% (INEP, 2024), e entre 2022 e 2023 – de 89,49% para 89,24% –, sendo que no último ano as salas de aula foram ministradas por 4,68% de bacharéis, 2,03% de “normalistas”, 4,06% formados apenas no Ensino Médio, e 1,99% estudantes do Ensino Superior (INEP, 2024). Em linhas gerais, o estimado em 2014 só foi recuperado entre 2021-2022. Em relação às mulheres os dados são piores. Em 2023, 69,03% das professoras que lecionaram eram formadas em curso superior de licenciatura, totalizando 31.932, enquanto 3,92% eram bacharéis, 21,75% concluíram apenas o Curso Normal, 5,3% findaram a Educação Básica, e 0,1% estudando em algum Curso Superior. Com ressalvas, a mesma tendência evolutiva se observa quando comparadas aos professores, pois há retração entre 2014 e 2019 – de 66,88% para 62,85% – e acréscimo contínuo após 2020. De modo geral, tomando a totalidade dos-das docentes, observa-se a ampliação dos-as pós-graduados-as em 8,2% entre 2014 e 2023 – dado que saltou de 22,9% para 31,1% –, enquanto no último ano 36,5% tinham alguma formação continuada (INEP, 2024).

No entanto, a formação superior em curso de licenciatura em si não assegura o trabalho de modo adequado de acordo com as etapas e modalidades de ensino da Educação Básica que, averiguando a totalidade, apresenta significativas distorções – mesmo que seja notória a evolução da adequação da formação docente. Na cidade do Rio de Janeiro ao longo do ano de 2023, 57,4%⁸ dos-as docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental dispunham de certificação correta à disciplina que lecionaram – sendo esta a pior etapa de ensino neste quesito –, enquanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental foram 72,2%⁹, e 80,5% no Ensino Médio¹⁰. Comparativamente, e tomando o ano de 2023 como referência, os sistemas de ensino apresentaram resultados muito diferentes em todas as etapas de ensino da Educação Básica, cabendo destaque negativo para a rede privada¹¹ nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e para a rede municipal nos Anos Finais do Ensino Fundamental. A última, na mesma etapa,

8 Cabe salientar o aumento contínuo desde o ano de 2019, quando 43,6% dos-as professores-as desta etapa de ensino da Educação Básica possuíam certificação adequada (INEP, 2024).

9 Em 2021 o dado alcançou 73,9%, sendo na última década o destaque cabível para o ano de 2015, quando 74,8% dos-as docentes possuíam formação adequada à disciplina lecionada (INEP, 2024).

10 Esta é a etapa da Educação Básica com maior número de docentes que atuaram de forma adequada, com acréscimo a partir de 2018 – 72,3% (INEP, 2024).

11 Acrescentamos que 7,1% dos-as docentes da rede privada, que atuaram no Ensino Médio em 2023, não tinham sequer formação superior completa.

contava com 24,5% dos-as docentes formados em áreas diferentes da disciplina que lecionaram em 2023; o que indica elevada polivalência-inadequação.

Tabela 8 - Percentual docente com formação superior de licenciatura, ou bacharelado com complementação pedagógica, na mesma disciplina de atuação nas escolas da cidade do Rio de Janeiro de acordo com as redes e etapas de ensino – 2023.

Rede de ensino	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	Anos Finais do Ensino Fundamental	Ensino Médio
<i>Rede federal</i>	76,6	85,5 ¹²	89,7
<i>Rede estadual</i>	80,9	81	83,2
<i>Rede municipal</i>	69,9	68 ¹³	-
<i>Rede privada</i>	42,9	76,3	75,5

Fonte: INEP (2024).

Acrescemos a este fato que que somente a rede estadual esteve acima da média nacional do percentual docente com formação adequada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – média nacional estipulada em 77,5% (INEP, 2024). Ante o restante todas ultrapassam, em números significativos até, este fator – 51,4% para os Anos Finais do Ensino Fundamental e 68,5% no Ensino Médio (INEP, 2024). Tomando os-as docentes de Geografia como exemplo, temos o cenário a seguir.

Tabela 9 - Percentual de Professores-as de Geografia com licenciatura na área que atuaram nas escolas cidade do Rio de Janeiro de acordo com os sistemas de ensino e as etapas da Educação Básica – 2023.

Etapas de ensino	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privado
<i>Anos Finais do Ensino Fundamental</i>	76,5	94,6	80,8	71,1	82,8
<i>Ensino Médio</i>	91,2	96,9	94	-	85,6

Fonte: INEP (2024).

Considerando o gênero como referência, a quarta característica se dedica para o percentual docente de acordo com a rede de ensino. A ocupação dos-as docentes se diferencia de forma significativa nas redes federal, estadual e municipal – sendo a última, responsável legalmente pela oferta do Ensino Fundamental; pois enquanto a proporção masculina é maior na rede privada em comparação às demais, assim como a feminina, na rede federal a

12 Apresentou acréscimo contínuo desde 2019 em 6,6% (INEP, 2024).

13 Apresentou decréscimo contínuo desde 2021 em 5,8% (INEP, 2024).

discrepância alcança quase o triplo, e o dobro na rede estadual, revertido em dados rotundos na rede municipal. Se acima nós identificamos a diferença do rendimento mensal de acordo com a etapa de ensino da Educação Básica por meio dos dados do RAIS (2024), o dados do INEP (2024b) reforçam a assimetria salarial, pois a média padronizada do rendimento mensal para 40 horas de trabalho, em 2020 – último ano possível de obtenção do dado (INEP, 2024b) –, foi de R\$ 12.9777,37 na rede federal, 4.946,54 reais na rede estadual, R\$ 4.896,65 nos municípios, e 3.534,78 reais nas escolas privadas. Portanto, tomando a forma crescente da ocupação das professoras na cidade do Rio de Janeiro, é possível equivaler ao movimento salarial decrescente. Em outros termos, na rede o rendimento mensal é pior há maior proporção total da ocupação feminina.

Tabela 10 - Proporção de docentes por rede de ensino na cidade do Rio de Janeiro de acordo com o sexo – 2023.

Rede de ensino	Homens	Mulheres
<i>Rede federal</i>	6,24	2,59
<i>Rede estadual</i>	27,48	12,11
<i>Rede municipal</i>	28,67	42,34
<i>Rede privada</i>	37,61	42,96

Fonte: INEP (2024).

Na cidade do Rio de Janeiro, em 2023, 18.909 docentes brancos-as lecionaram, enquanto os-as pretos-as-pardos-as 11.246. Tomando a quinta característica do corpo docente “carioca”, não dissociado do abordado acima por meio da correlação funcional-laboral entre raças, podemos afirmar com base nos dados do INEP (2024) que os-as docentes brancos-as tem melhor formação em comparação aos negros-as-pardos-as, pois no mesmo ano 79,70% dos-as primeiros-as estiveram em sala de aula com o curso superior de licenciatura completo, enquanto os últimos 70%. Se contabilizarmos a formação superior – incluindo o bacharelado –, os-as professores-as pretos-as-pardos-as somaram 73,64%, e com proporção superior – quase o dobro – de docentes com o Curso Normal completo – 6,35% em comparação à 3,7% de brancos-as (INEP, 2024). Isto vai se refletir também nas etapas de ensino da Educação Básica e na densidade de docentes de acordo com a raça, no qual é notório maior pertencimento funcional dos pretos-as-pardos-as nas etapas iniciais da Educação Básica, que são, como visto acima, os “postos de trabalho” com menores rendimentos mensais. Portanto, se há uma possível-hipotética divisão sexual do trabalho, podemos também afirmar, com as cabíveis ressalvas proporcionais, que coexiste factualmente a divisão racial tomando a densidade-distribuição dos-as docentes brancos-as e pretos-as-pardos-as.

Tabela 11 - Proporção dos-as docentes nas etapas de ensino da Educação Básica na cidade do Rio de Janeiro de acordo com a raça – 2023.

Etapas de ensino	Branco-as	Pretos-as-pardos-as
<i>Educação Infantil</i>	3.825	3.858
<i>Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>	5.726	3.392
<i>Anos Finais do Ensino Fundamental</i>	6.067	2.852
<i>Ensino Médio</i>	7.549	2.979

Fonte: INEP (2024).

Cientes que a docência na cidade do Rio de Janeiro em 2023 estava composta por 76,6% de mulheres, 0,25% de pessoas com deficiência (PCD), 61,4% de brancos-as e 36,5% de pretos-as-pardos-as, e que dentre as redes de ensino a proporção feminina é maior no sistema municipal de ensino e menor na rede federal – 81,8% e 55,8% respectivamente –, podemos afirmar também, com base nos dados do INEP (2024), que está ocorrendo o processo de *adultização* (Andrade, 2023) do magistério na cidade do Rio de Janeiro – o sexto fator. Tanto entre os homens, quanto entre as mulheres, a proporção significativa de professores-as tem mais de 35 anos – 16,2% e 20,4% respectivamente. No caso masculino, os docentes acima de 55 anos superam em 7,5% a faixa etária discriminada acima, e a partir de 50 anos estes ultrapassam a presença de mulheres nas salas de aula da cidade em debate. A proporção feminina é superior até 50 anos (INEP, 2024).

A sétima característica em análise se refere à regularidade do corpo docente, que espelha a permanência dos-as professores-as em uma unidade de ensino – sendo esta a referência para a definição. Parte significativa das escolas da cidade do Rio de Janeiro em 2023 tiveram média-alta¹⁴ e alta regularidade¹⁵ – 63,6% e 19,8% respectivamente. Em comparação aos dados da média nacional, os-as docentes cariocas permaneceram mais tempo no mesmo espaço escolar, o que espelha menor rotatividade de professores-as nas, e entre as, escolas. Como exemplificação, a regularidade baixa na escala nacional alcançou 8,7%, enquanto na cidade aqui tomada como espaço de análise o mesmo dado foi de 1,9% – com considerável queda após 2016 (5,6%) (INEP, 2024). O mesmo se repete nos demais, como a regularidade média-baixa; enquanto na cidade do Rio de Janeiro este número foi de 14,7% em 2023, no país o total alcançou 31,8% (INEP, 2024). Em todos os sistemas de ensino a conclusão comparativa se confirma, mas com diferenciações entre – cabendo destaque para a rede federal.

14 “Percentual de escolas com indicador de regularidade média maior que 3 até 4 anos” (INEP, 2024).

15 “Percentual de escolas com indicador de regularidade maior que 4 até 5 anos” (INEP, 2024).

Tabela 12 - Indicador de Regularidade dos docentes que atuaram nas escolas da cidade do Rio de Janeiro de acordo com os sistemas de ensino – 2023.

Rede de ensino	Regularidade baixa	Regularidade média-baixa	Regularidade média-alta	Regularidade alta
<i>Federal</i>	0	4,2 ¹⁶	75	20,8
<i>Estadual</i>	0,3	8,1 ¹⁷	75,5	16,1 ¹⁸
<i>Municipal</i>	0,5	10,7 ¹⁹	72 ²⁰	16,8
<i>Privado</i>	3,8	20,3	52,3	23,6

Fonte: INEP (2024).

Os-as professores-as da-na cidade do Rio de Janeiro lecionaram ao longo do ano de 2023 em níveis de esforço²¹ próximo ao indicado como satisfatório – até o nível quatro – quando comparados à média nacional, assim como ao considerado salutar pela OCDE (OCDE, 2024); mas com variações em relação aos sistemas e etapas de ensino da Educação Básica, assim como sua evolução ao longo da última década – fator tomado aqui como oitava característica. Mas, mesmo que a tendência de subtração nos níveis de esforço mais elevados seja literal entre 2014 e 2023, houve uma discrepância ante às etapas de ensino ao verificarmos o baixo percentual de docentes do Ensino Médio no primeiro nível, e 21,1% acima do nível quatro – esforço considerável –, enquanto no Ensino Fundamental a maior proporção se encontrava entre os níveis dois e quatro (INEP, 2024) e apenas 11,3% em elevado esforço – o que é um dado significativo. A rede federal foi o melhor sistema de ensino em todas as etapas da Educação Básica ao longo de 2023, contando com apenas 3,7% dos-as docentes em alto esforço no Ensino Fundamental, e 4,3% no Ensino Médio, enquanto a rede municipal se destaca negativamente no Ensino Fundamental em 13,9%, e a rede estadual no Ensino Médio em 26,2% - as redes com maior número de matrículas.

16 Em 2015 este dado alcançou 44% (INEP, 2024).

17 Em 2016 o percentual foi de 27% (INEP, 2024).

18 Em 2021 eram 27% das escolas estaduais (INEP, 2024).

19 Decréscimo de 19,1% desde 2017 (INEP).

20 Ascensão de 11,7% desde 2017 (INEP, 2024).

21 Os níveis se dividem em seis de acordo com o número de discentes, turnos lecionados, e quantidade de escolas e as etapas de ensino. “Nível 1 Docente que tem até 25 alunos e atua em um único turno, escola e etapa. Nível 2 Docente que tem entre 25 e 150 alunos e atua em um único turno, escola e etapa. Nível 3 Docente que tem entre 25 e 300 alunos e atua em um ou dois turnos em uma única escola e etapa. Nível 4 Docentes que tem entre 50 e 400 alunos e atua em dois turnos, em uma ou duas escolas e em duas etapas. Nível 5 Docente que tem mais de 300 alunos e atua nos três turnos, em duas ou três escolas e em duas etapas ou três etapas. Nível 6 Docente que tem mais de 400 alunos e atua nos três turnos, em duas ou três escolas e em duas etapas ou três etapas” (INEP, 2014b, p. 6).

Tabela 13 - Indicador de Esforço Docente dos-as professores-as que atuaram na cidade do Rio de Janeiro de acordo com as redes e etapas de ensino de Educação Básica - 2023.

Rede de ensino	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6
Ensino Fundamental						
<i>Total</i>	13,4	21,2	28,2	25,9	7,3	4
<i>Rede Federal</i>	15,4	21,3	35,7	23,9	2,8	0,9
<i>Rede Estadual</i>	11,7	25,5	28,1	28,1	4,7	1,8
<i>Rede Municipal</i>	5,3	26,1	28,3	26,5	8,9	5
<i>Rede Privada</i>	21,5	15,2	26,9	26,2	6,5	3,6
Ensino Médio						
<i>Total</i>	1,1	13,3	27,3	37,2	13,4	7,7
<i>Rede Federal</i>	3,4	27,5	34,9	29,9	2,8	1,5
<i>Rede Estadual</i>	0,2	12,9	25	35,7	15,8	10,4
<i>Rede Privada</i>	1,7	9,8	26,3	40,6	14,2	7,4

Fonte: INEP (2024).

Por fim, a forma de contratação dos-as professores-as na cidade do Rio de Janeiro, tomando o ano de 2023 como referência, difere da escala nacional. Enquanto no país existe uma forte tendência de ampliação do contrato temporário em todos os sistemas públicos de ensino²², na cidade em questão os dados apontam para baixo percentual, e proporcionalmente oposto à lógica nacional no sistema federal de ensino. Na escala nacional a participação cotidiana de professores contratados temporariamente fora de 15,8% na rede federal, 34,09% nos municípios, cabendo destaque para os estados em 52,22%. Já na cidade carioca este dado alcança 16,7% no sistema federal, 0,9% nas escolas municipais, e 2,9% na rede estadual, sendo ampla a presença de docentes concursados e considerados como efetivos-estáveis – 99,1% na rede municipal, 97,1% na rede estadual, e 80,7% nas escolas federais (INEP, 2024). Os dados sobre a contratação temporária, em relação às etapas de ensino no mesmo ano, demonstram que 2.480 estavam voltadas para a Educação Infantil, 1.907 para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 1.337 aos Anos Finais do Ensino Fundamental, 776 para o Ensino Médio, 181 de Educação Profissional, e 356 de EJA, sendo para áreas de Remanescentes de Quilombo uma

22 Podemos tomar como exemplo a rede estadual. Em 2014 eram 221.763 professores-as contratadas temporariamente, enquanto em 2023 este mecanismo alcançou a rotina de 356.008 docentes (INEP, 2024).

para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental, e Ensino Médio, e para os Povos e Comunidades Tradicionais apenas uma de Educação Infantil.

A estrutura das escolas da-na cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro tinha o total de 3.887 escolas em 2023, sendo apenas uma de caráter rural, quatro destinadas para educação escolar indígena, e uma em comunidade quilombola. Neste universo, e no ano acima citado, 2.001 privadas, 1.550 municipais, 310 da rede estadual, e 26 unidades escolares federais de portes – número de matrículas – diferenciados. Cabe destacar que a proporção de escolas privadas superior aos estabelecimentos que pertencem ao sistema municipal de ensino não corresponde à distribuição nacional, e também em percentual acima do estado do Rio de Janeiro.

Tabela 14 - Total de escolas urbanas de acordo com as escalas – 2023.

	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada
<i>Brasil</i>	126.620	612	24.213	60.919	40.876
<i>Estado do RJ</i>	10.382	58	1.182	4.478	4.664
<i>Cidade do RJ</i>	3.887	26	310	1.550	2.001

Fonte: INEP (2024).

Tabela 15 - Total de escolas da Educação Básica na-da cidade do Rio de Janeiro de acordo com o porte (número de matrículas) nos diferentes sistemas de ensino – 2023.

Quantitativo de estudantes	Federal	Estadual	Municipal	Privada
<i>Até 50</i>	1	8	20	292
<i>Entre 51 e 200</i>	4	88	372	990
<i>Entre 201 e 500</i>	5	99	720	515
<i>Entre 501 e 1000</i>	8	52	393	155
<i>Acima de 1000</i>	8	63	45	49

Fonte: INEP (2024).

Em relação à estrutura das escolas da cidade do Rio de Janeiro o destaque cabe para as unidades da rede federal em todos os sentidos, e oposto para o sistema privado de ensino. Tomando os equipamentos existentes em dias de incremento discursivo acerca da inclusão digital, das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), e das novas morfologias do mundo do trabalho, 80,8% possuíam, em 2023, instrumentos multimídia, sendo na rede pública 95,5% – as escolas federais 100% – e na rede privada 66,9% (INEP, 2024). Em relação à

disposição de computadores para os alunos, 80,6% das escolas detinham tais aparelhos, com destaque positivo para a rede estadual em 96,1%, e com o menor indicador, novamente, para a rede privada com 78,2%. O sistema municipal de ensino consta como pior no percentual de escolas com *tablet* para os-as estudantes em 6,5%, sendo o total 28,3%; cabendo destaque para a rede federal (30,8%). Já a acessibilidade à internet é um fator positivo para todas as escolas da cidade²³, pois apenas 0,7% não contavam com tal recurso-serviço²⁴; porém, quando mensuramos o destino da rede virtual para os-as discentes os dados agravam, porque apenas 42,1% das escolas cariocas dispunham, sendo 41% das escolas municipais, 41,6% da rede privada, 46,8% das unidades escolares estaduais, e 88,5% – mais que o dobro das redes municipal e privada – das escolas federais, sendo irrisório a predisposição de tal serviço para a comunidade – 6,2%, com destaque novamente para as escolas federais em 19,2%.

Tabela 16 - Estrutura física e material das escolas de Ensino Médio no Brasil – 2023.

Dependências físicas						
	Total	Rede Pública	Rede Federal	Rede Estadual	Rede Municipal	Rede Privada
<i>Auditório</i>	28,2	37,6	92,3	63,5	31,5	19,4
<i>Área verde</i>	39,2	47,2	61,5	50,3	46,4	31,6
<i>Banheiro</i>	100	100	100	100	100	100
<i>Biblioteca – sala de leitura</i>	75,9	84,7	100	85,2	84,4	67,6
<i>Laboratório de Ciências</i>	18,7	17,8	84,6	33,2	13,5	19,5
<i>Laboratório de Informática</i>	39,9	43,8	88,5	56,5	40,5	36,3
<i>Pátio</i>	92,5	94,3	96,2	89,4	95,3	90,8
<i>Quadra de esportes</i>	53,2	56,1	92,3	80	50,7	50,4
<i>Sala Multiuso</i>	21,6	13,7	50	10,3	13,7	29,1
<i>Sala de Professores</i>	80,6	82,2	100	95,2	79,3	79,1
<i>Banheiro para Educação Infantil</i>	69,1	55,3	38,5	8,7	64,9	82
Saneamento e Energia						
<i>Água – Rede pública</i>	99,5	99,9	100	100	99,9	99,1
<i>Água – Poço artesiano</i>	0,9	0,1	0	0	0,1	1,6

23 97,3% utilizavam o serviço pela modalidade banda larga (INEP, 2024).

24 Sendo 65,6% para uso pedagógico, com destaque positivo para a rede federal, e quase a totalidade – 97,2% - para uso administrativo (INEP, 2024).

<i>Energia – Rede pública</i>	99,8	100	100	100	100	99,7
<i>Esgoto – Rede pública</i>	99,7	99,8	96,2	99	100	99,6
<i>Esgoto inexistente</i>	0,1	0	0	0	0	0,1
<i>Esgoto em Fossa comum</i>	0,1	0	0	0	0	0,1
<i>Esgoto em Fossa séptica</i>	0,3	0,3	3,8	1,6	0	0,3
<i>Serviço de Coleta de lixo</i>	99,6	99,9	100	100	99,9	99,4
<i>Instrumentos/materiais/alimentação</i>						
<i>Alimentação escolar</i>	68,9	99,4	92,3	97,1	100	40,2
<i>Jogos Educativos</i>	85,1	83,6	76,9	42,6	91,9	86,6
<i>Instrumentos musicais</i>	37,7	34,9	88,5	21,9	36,6	40,4
<i>Materiais para Atividades artísticas</i>	57,3	54,9	88,5	43,9	56,6	59,5
<i>Materiais Pedagógicos científicos</i>	19,7	18,9	76,9	24,2	16,8	20,5
<i>Acessibilidade/AEE</i>						
<i>Banheiro PCD</i>	55,6	62,8	84,6	65,2	62	48,7
<i>Sala de Atendimento especial</i>	25	34	57,7	17,1	37	16,4
<i>Acessibilidade nas vias internas</i>	76,3	64	92,3	67,4	62,8	88

Fonte: INEP (2024).

No segundo momento, ainda sobre a estrutura das escolas da cidade do Rio de Janeiro que também demonstra significativa desigualdade entre as redes de ensino, cabe para a exposição analítica os-as profissionais da educação, para além dos-as professores-as. Entendendo estas-es como fundamentais para a garantia da qualidade educacional e para a relação ensino-aprendizagem, vide a compreensão da escola, e do aprendizado em si, para além das salas de aula, começamos ressaltando que 74,1% das escolas em 2023 tinham auxiliares administrativos, sendo 92,3% em unidades escolares da rede federal, 24,8% nas unidades escolares estaduais, 67,4% nos espaços municipais, e 86,7% no sistema privado de ensino. A primeira característica já expõe de forma salutar a assimetria em dias de liofilização da escola,

que também pode ser concebida quando analisamos o percentual de unidades escolares com auxiliares de serviços gerais, porteiros, faxineiros e jardineiros. O mesmo se repete, ficando o destaque positivo para a rede federal em 100% das suas escolas, enquanto o pior sistema neste fator é a rede estadual em 41%, enquanto as redes municipal e privada com 88,4% e 95,8% respectivamente (INEP, 2024).

Tabela 17 – Profissionais da Educação de acordo com as redes de ensino nas escolas da cidade do Rio de Janeiro – 2023.

	Total	Rede Pública	Rede Federal	Rede Estadual	Rede Municipal	Rede Privada
<i>Bibliotecário ou auxiliar de biblioteca / sala de leitura</i>	27	32	96,2	21	33,2	22,2
<i>Profissional de saúde/brigadista</i>	7	1,6	92,3	1,6	0,1	12,2
<i>Coordenador de turno/disciplina</i>	51,1	35,9	96,2	10	41,1	66,3
<i>Fonoaudiólogo</i>	2,3	0,7	46,2	0,6	0	3,7
<i>Nutricionista</i>	16,5	1,5	80,8	1,9	0,1	30,6
<i>Psicólogo</i>	11,4	1,3	73,1	1,6	0	21
<i>Cozinheiro, merendeiro, e auxiliar de cozinha</i>	64,4	85,4	80,8	33,2	95,9	44,7
<i>Secretário escolar</i>	63,1	52,4	88,5	33,9	55,5	73,1
<i>Profissionais de apoio e supervisão pedagógica</i>	78	77,1	96,2	37,7	84,6	78,8
<i>Técnicos, monitores, supervisores e auxiliares</i>	11,3	2,2	73,1	3,2	0,8	19,9
<i>Segurança, guarda e segurança patrimonial</i>	8,1	4,2	92,3	6,8	2,2	11,7
<i>Vice-diretor, diretor adjunto, ou administrador</i>	78,2	84,8	100	35,5	94,5	71,9
<i>Orientador comunitário ou assistente social</i>	6	1,7	88,5	2,3	0,1	10,1

Fonte: INEP (2024).

A terceira característica das escolas cariocas se remete à quantidade de estudantes por turma, que continha diferenciações tanto em relação às etapas de ensino da Educação Básica, quanto nos diferentes sistemas de ensino. De modo geral, os Anos Iniciais do Ensino Fundamental apresentaram menor número, mensurado em sua totalidade no ano 2023 em 23,2,

enquanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental a média no mesmo ano foi de 29,9, e 29,5 no Ensino Médio. O que cabe ser ressaltado neste momento é que somente a última etapa de ensino da Educação Básica apresentou retração ao longo da última década. Enquanto em 2014 eram 30,1 discentes por turma, nos Anos Finais do Ensino Fundamental 29,8, e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental 22,7 – ascendendo do primeiro ao quinto ano (INEP, 2024). Entre as redes o pior quantitativo esteve em 2023, sem qualquer objeção, nas escolas municipais e com tendência de acréscimo – vide o ritmo contínuo entre 2014 e 2023 –, quando o contrário se verifica apenas na rede privada. Em todos os casos o número de estudantes superam a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2024) – no caso do Ensino Médio mensurado em 14, e nos Anos Finais do Ensino Fundamental em 13 –, e o pior *quantum* recai para o sistema público municipal, que ultrapassa a média nacional em aproximadamente 10 estudantes por turma nos Anos Finais do Ensino Fundamental (INEP, 2024).

Tabela 18 - Número de estudantes por turma nas diferentes etapas de ensino da Educação Básica de acordo com os sistemas de ensino nas escolas da cidade do Rio de Janeiro - 2023

Etapas de ensino	Rede Federal	Rede Estadual	Rede Municipal	Rede Privada
<i>Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>	23,2	18,3	29,3	23,2
<i>Anos finais do Ensino Fundamental</i>	29,2	26,8	35,1	23,4
<i>Ensino Médio</i>	24,5	31,8	-	25,8

Fonte: INEP (2024).

O destaque positivo de forma particular na cidade do Rio de Janeiro é a ascensão, tendo em vista o mínimo obrigatório, de horas-aula diária – tomado aqui como quarta característica. Em todas as etapas de ensino da Educação Básica, considerando a última década, observa-se expansão positiva, mesmo em ritmos diferenciados, deste quantitativo. Entre 2014 e 2023, 0,3 horas-aula foram acrescidas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – 4,9 para 5,2 –, 0,5 nos Anos Finais do Ensino Fundamental – 5 para 5,5 –, e 0,2 no Ensino Médio – de 5,6 para 5,8 (INEP, 2024). Comparada à média nacional²⁵, todas as etapas de ensino da Educação Básica estiveram com números acima, mas com discrepâncias nos diferentes sistemas de ensino.

25 4,9 nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 5,3 nos Anos Finais do Ensino Fundamental, e 5,7 para o Ensino Médio (INEP, 2024).

Tabela 19 - Média de horas-aula nas escolas da cidade do Rio de Janeiro de acordo com os sistemas de ensino – 2023.

Etapas de ensino	Rede Federal	Rede Estadual	Rede Municipal	Rede Privada
<i>Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>	4,7	5,5	5,5	4,7
<i>Anos finais do Ensino Fundamental</i>	5,4	6,9	5,6	5,3
<i>Ensino Médio</i>	6,6	5,7	-	6

Fonte: INEP (2024).

Quando comparamos os dados acima à média nacional, o destaque negativo recai sobre a rede federal em todas as etapas de ensino da Educação Básica²⁶, exceto os Anos Finais do Ensino Fundamental, enquanto as demais estimaram números superiores. Outro fator relativo ao tempo dos/as discentes na escola, que pode ser tomado como positivo, é o crescimento contínuo do percentual de matrículas em tempo integral superando – em parte – as metas estabelecidas pelo Plano Nacional da Educação (PNE) – Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (Brasil, 2014); mais especificamente a Meta Seis²⁷. Se considerarmos os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e os Anos Finais do Ensino Fundamental, a meta fora superada no total em 27,8% e 29,5% respectivamente, enquanto no Ensino Médio este número alcançou 11,6% em 2023 (INEP, 2024). Porém, quando tomamos a rede pública de ensino os dados são muito mais satisfatórios.

Tabela 20 - Percentual de matrículas em Tempo Integral nas escolas da cidade do Rio de Janeiro de acordo com os sistemas de ensino e as etapas da Educação Básica – 2023.

Etapas de ensino	Rede Federal	Rede Estadual	Rede Municipal	Rede Privada
<i>Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i>	1,4	37,9	39,2	6,2
<i>Anos finais do Ensino Fundamental</i>	2,6	63,8	41,7	5,5
<i>Ensino Médio</i>	24,8	10,3	-	12,9

Fonte: INEP (2024).

Por fim, trataremos da complexidade de gestão da escola²⁸ nas unidades de ensino da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro fato, ao observamos os dados do INEP ao longo da última

26 4,8 hora-aula nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 5,3 para os Anos Finais do Ensino Fundamental, e 7,4 para o Ensino Médio.

27 “Meta 6: oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica” (Brasil, 2014, p. 6).

28 Dado que mensura as escolas por número de matrículas, turno de funcionamento, e oferta das etapas de ensino.

década disponível (2014-2023) (INEP, 2024), refere-se ao acréscimo das escolas somente no nível 1²⁹ – 21,1% para 26,6%. Nos demais níveis o descenso quantitativo é, em certo sentido, considerável e sentido principalmente após o ano de 2019 no nível 2³⁰ - de 35% para 32,7% -, desde 2014 no nível 3³¹ - de 26,4% para 21,5% -, após 2016 no nível 4³² – de 17% para 15,1% -, desde 2015 no nível 5³³ – de 3,9% para 2,9% - e, por fim, no nível 6³⁴ em todo o recorte histórico – de 2,4% para 1,2% (INEP, 2024). Fato observável em todas as redes de ensino com poucas exceções. No caso do sistema federal ocorreu a expansão das escolas nos níveis três e cinco, o mesmo caso ocorreu nos níveis três, quatro e cinco da rede estadual, no nível dois do sistema público municipal, e no nível quatro das escolas particulares, o que demonstra a inexistência de uma tendência singular entre estas.

Considerações Finais

A breve síntese da educação na cidade do Rio Janeiro, que tem como real propósito a introdução de uma pesquisa mais ampla sobre as desigualdades educacionais e sua indissociabilidade das contradições de nossa formação social-histórica-geográfica-econômica, espelha de modo profundo questões salutaras do cotidiano urbano carioca, assim como de outras *urbes* em nosso país e ao redor do planeta. No primeiro momento as contradições foram examinadas ao nos debruçarmos sobre a discência, que se encontrava em 2023 majoritariamente matriculada no sistema público de ensino com a maior proporção de pretos-as-pardos-as, visto o contrário nos espaços privados e na rede federal que, mesmo sendo inócua sua participação – apenas 1,6% das matrículas –, detém uma estrutura superior em comparação aos sistemas estadual, municipal e privado na média geral, assim como melhores condições para o trabalho docente. A desigualdade racial também se observou na migração dos-as estudantes para a EJA, na evasão-reprovação-abandono, e na distorção idade-série, indicando como resposta para a

29 “Escolas que, em geral, possuem porte inferior a 50 matrículas, funcionam em turno único, ofertam uma única etapa de ensino e apresentam a Educação Infantil ou os Anos Iniciais como etapa de idade teórica mais avançada” (INEP, 2014, p. 6).

30 “Porte entre 50 e 300 matrículas, operando em 2 turnos, com oferta de até 2 etapas e apresentando a Educação Infantil ou Anos Iniciais como etapa mais elevada” (INEP, 2014, p. 6).

31 “Porte entre 50 e 500 matrículas, operando em 2 turnos, com 2 ou 3 etapas e apresentando os Anos Finais como etapa mais elevada” (INEP, 2014, p. 6).

32 “Porte entre 150 e 1000 matrículas, operando em 2 ou 3 turnos, com 2 ou 3 etapas, apresentando Ensino Médio/profissional ou a EJA como etapa mais elevada” (INEP, 2014, p. 6).

33 “Porte entre 150 e 1000 matrículas, operando em 3 turnos, com 2 ou 3 etapas, apresentando a EJA como etapa mais elevada” (INEP, 2014, p. 6).

34 “Porte superior à 500 matrículas, operando em 3 turnos, com 4 ou mais etapas, apresentando a EJA como etapa mais elevada” (INEP, 2014, p. 6).

hipótese do artigo a imbricação da raça-classe na acessibilidade-permanência escolar e no rendimento, como consequência da própria estrutura racial em que se materializou ao longo dos anos a cidade em questão (Campos, 2005).

No segundo momento, destacado o decréscimo quantitativo de professores-as, assim como de-dos docentes jovens em maior vulto, acompanhando uma tendência – não só – nacional, as desigualdades se asseveram entre os-as professores-as, incluindo aqui o gênero. Isto pela maior proporção de mulheres em etapas e sistemas de ensino com piores rendimentos e formação superior aquém, fato que se agrava quando comparado aos professores brancos. Em relação à adequação profissional dos-as professores-as, os dados são mais ardilosos nos sistemas de ensino municipal e privado, observado sua tautologia para a ciência geográfica na Educação Básica – 28,9% dos-as professores-as de Geografia que lecionaram na rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro em 2023 não possuíam formação superior em licenciatura na mesma disciplina –, acenando, mesmo que em retração numérica, para a polivalência – trabalho precário também. O que se verificou de positivo, mesmo com todas as sinuosidades devido à comparação sobre algo crítico, foram a regularidade e o esforço docente aquém da média nacional.

Por fim, a estrutura das escolas repetira de forma literal o restante por meio da averiguação da rede federal diante das demais. Mas, cabe acrescentar a quantidade de estudantes por turma em quantitativos discrepantes. A hipótese da pesquisa se confirma ao expormos analiticamente os dados do INEP (INEP, 2024), em que estamos diante de uma escola diferenciada entre sistemas de ensino, entre docentes mulheres-homens-brancos-as-pretos-as-pardos-as e, principalmente, entre discentes brancos-as-pretos-as-pardos-as. Portanto, a premissa da pesquisa no qual esta é um dos primeiros resultados se confirma – em parte, diga-se de passagem significativa – que existem escolas brancas e escolas pretas.

Referências

ANDRADE, Rodrigo Coutinho. Considerações acerca da BNC-Formação e as novas morfologias do trabalho: o professor de novo tipo. **Terra Livre**, v. 1, n. 60, 2023.

BRASIL. **Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Brasil: Presidência da República, 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: oito de março de 2025.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela**: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

INEP. **Nota Técnica Nº 040/2014**. Brasília: INEP, 2014a. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/escola_complexidade_gestao/nota_tecnica_indicador_escola_complexidade_gestao.pdf>. Acesso em: oito de março de 2025.

INEP. **Nota Técnica Nº 039/2014**. Brasília: INEP, 2024b. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/docente_esforco/nota_tecnica_indicador_docente_esforco.pdf>. Acesso em: dez de março de 2025.

INEP. **Censo Escolar – 2023**. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Artigo recebido em 11-03-2025

Artigo aceito para publicação em 20-08-2025